

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.014

OS DESAFIOS DA DUPLA JORNADA ENCARADA PELO/A TRABALHADOR/ A-ESTUDANTE E O/A ESTUDANTE- TRABALHADOR/A: ANÁLISE DE ARTIGOS

JULYA MYRELE ROSENDO DE ALMEIDA

Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, myrelerosendo@hotmail.com;

LARA JORDANA LIMA DA SILVA

Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, larajordana100@gmail.com;

LAURA SANTOS DE OLIVEIRA

Mestranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, lauramcz1@hotmail.com;

ROSEMEIRE REIS

Orientadora: Pesquisadora PQ2 – CNPq. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (2006). Professora do Centro de Educação e do programa de pós-graduação (PPGE-UFAL) reisroseufal@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo pretende mapear e analisar artigos, para pesquisar e compreender quais são os desafios vivenciados durante a graduação pelos/as estudantes-trabalhadores/as e trabalhadores/as-estudantes de universidades públicas brasileiras, bem como identificar se existem táticas adotadas por estes para assegurar sua permanência na universidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir de um estudo bibliográfico de artigos publicados sobre a temática, entre os anos de 2020 e 2023 nas plataformas SciELO e Google Acadêmico. Compreende-se que grandes são os desafios encarados por estudantes de ensino superior. As dificuldades perpassam desde as questões de adaptações à vida estudantil, questionamentos sobre o pertencimento a tal espaço, até questões sociais que contribuem diretamente no desempenho acadêmico e que podem levar à desistência durante o seu percurso formativo. Apesar de nos últimos anos o problema de expansão das universidades, bem como a oferta de vagas terem avançado de forma gradativa, outros debates se fazem necessário. Dessa forma,

o presente trabalho tem como foco principal os/as trabalhadores/as-estudantes e estudantes-trabalhadores/as, que compõem o quadro das universidades públicas do Brasil. Pode-se identificar que as oportunidades estão longes de serem iguais para todos, e quando se trata de pessoas que precisam conciliar a jornada exaustiva do trabalho com a vida universitária, esse cenário torna-se palco de diversas discussões que precisam ser debatidas, no sentido de contribuir com as políticas públicas estudantis, tendo em vista uma melhor assistência a esse grupo de estudantes para exercerem o direito de ter uma formação de qualidade.

Palavras-chave: Desafios de permanência. Estudante-trabalhador/a. Trabalhador/a-estudante. Ensino superior.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi idealizado com o intuito de fazer um levantamento de dados acerca das temáticas que englobam os sentidos acadêmicos dos/das¹ estudantes das universidades públicas do Brasil. Diante de um cenário de ampliação de Campis e Universidades públicas, surge a necessidade cada vez maior em compreender o perfil dos universitários e dar protagonismo a esses/essas atores/autores/as que fazem as universidades ganhar vida, acreditando que, através destes estudos, uma melhor compreensão dessa esfera estudantil acadêmica possa contribuir tanto para Educação enquanto instituição, quanto os estudantes possam se beneficiar.

Os trabalhos desenvolvidos nesta área se mostram pertinentes para o campo das pesquisas em juventudes e formação, sendo essa uma temática que aos poucos começa a se revelar promissora no Brasil, principalmente graças ao surgimento de Observatórios da vida estudantil (OVE). Apesar da crescente popularidade, compreende-se que a temática pode ganhar ainda mais espaço nos cenários de pesquisas.

Considerando a vasta dimensão que engloba a temática de jovens e estudantes de universidade pública, que vão desde questões de gênero, raça, construção de identidade, dentre outros, o presente artigo será voltado para os/as estudantes-trabalhadores/as e os/as trabalhadores/as-estudantes, buscando compreender melhor as questões que envolvem não apenas a chegada à universidade e o processo de afiliação, mas também compreender os desafios encarados por esses/as, que precisam equilibrar a rotina exaustiva que ambas as esferas (vida acadêmica x mercado de trabalho) requerem.

Não há dúvidas de que o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)² foi promissor no cenário educacional brasileiro, entretanto, a educação superior ainda precisa percorrer longos caminhos para se mostrar um espaço onde as oportunidades de acesso e

- 1 Ao longo do trabalho será usada a flexão de gênero para que o leitor ou a leitora se identifique nas leituras com o gênero que preferir
- 2 O REUNI é o Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras, parte integrante de um conjunto de ações do Governo Federal no Plano de Desenvolvimento de Educação do MEC. Foi instituído pelo Decreto Presidencial 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de dar às instituições condições de expandir o acesso e garantir condições de permanência no Ensino Superior.

permanência sejam iguais para todos/as, principalmente para os jovens trabalhadores oriundos das camadas populares.

Em consonância ao parágrafo anterior, as autoras Vargas e Paula (2013) apontam que “embora a grande maioria dos nossos estudantes trabalhe, as políticas públicas e a legislação brasileira não contemplam a particularidade dessa condição, dificultando a permanência do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na universidade”, diante do pressuposto, a questão norteadora da pesquisa vai buscar identificar em estudos publicados os seguintes pontos: Quais são os desafios encarados durante a graduação pelos/as estudantes-trabalhadores/as e trabalhadores/as-estudantes das universidades públicas brasileiras e quais são as estratégias adotadas por estes para assegurar sua permanência na universidade?

METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizará a abordagem qualitativa de acordo com Ludke e André (2012). Foram realizadas buscas em artigos acadêmicos que tratam a temática relacionada aos estudantes que são trabalhadores/as, a fim de compreender como os desafios encarados por esses estão sendo tratados pelos pesquisadores da área. As buscas de artigos foram realizadas pelos meios digital com auxílio do SiELO e Google Acadêmico, tendo prioridade os estudos publicados entre os anos de 2020 e 2023. Sobre a pesquisa bibliográfica, Knechtel (2014) explica que:

A elaboração de uma pesquisa bibliográfica visa a construção do conhecimento e tem a leitura como requisito. Essa leitura fornece fundamentos analíticos para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma. Nesse caso, é denominada estado da arte. Na pesquisa bibliográfica, embora esta seja uma modalidade particular da pesquisa, não são realizadas entrevista nem feitas observações sobre situações vividas, mas o pesquisador “conversa” e “debate” com os outros autores, por meio dos seus escritos. (KNECHTEL, 2014, p. 146)

Com o propósito de sistematizar e categorizar as análises dos textos encontrados, foram elaboradas fichas descritivas contendo aspectos relevantes dos textos como: título, objetivos, procedimento metodológico, ano de produção e referencial teórico mais utilizado. Ludke e André (1986, p. 43) apontam que “Não existem normas fixas nem procedimentos padronizados para a criação de categorias, mas acredita-se que um quadro teórico consistente pode auxiliar uma seleção

inicial mais segura e relevante”. Diante da afirmativa, a ferramenta citada acima teve um papel fundamental na obtenção de resultados para o trabalho.

Os critérios de inclusão utilizados foram: descritores de busca “estudante/trabalhador” e “trabalhador/estudante”, artigos publicados em meios digitais que abordassem questões mais diretas sobre as dificuldades encaradas, programas de políticas públicas estudantis, saúde mental e a dupla ou tripla jornada de trabalho enfrentadas pelos/as estudantes-trabalhadores/as. Um outro critério de inclusão foram os estudos realizados no Brasil, preferencialmente em Instituições públicas de ensino. Por conseguinte, os critérios de exclusão foram: materiais que estivessem fora do período temporal de 2021 a 2023, resumos simples e monografias, artigos que falassem de um curso de graduação em específico.

A seguir, apresento um exemplo de ficha descritiva utilizada no processo das análises:

Título	Autores/as	Objetivos	Procedimento metodológico	Resultados	Referenciais teóricos mais utilizados.
Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador	Marcela Chavier Macedo; Karoline Giele Martins de Aguiar	Identificar na literatura a relação entre a dupla jornada de trabalho e estudo e suas consequências na saúde mental dos universitários	Pesquisa de revisão integrativa.	As autoras identificaram que os trabalhadores / as- estudantes padecem de prejuízos ligados ao rendimento acadêmico, queda de qualidade de vida e sofrimento psíquico.	MARQUES, Matheus Moreira. Aspectos ergonômicos e psicossociais da dupla jornada de estudantes trabalhadores. 2018.

Fonte: A autora.

Ao todo, para o presente trabalho foram analisados três artigos, sendo eles: **“As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores”** (2023) dos autores Patrícia Vieira Trópia e Davisson Charles Cangussu de Souza. **“Avaliação da qualidade de vida do estudante trabalhador”** (2021) de Jean Marques de Souza, Roselne Santarosa de Sousa, Esther de Matos Ireno Marques. **“Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador”** (2023) das autoras Marcela Chavier Macedo e Karoline Giele Martins de Aguiar.

DESENVOLVIMENTO

1- QUEM É O/A ESTUDANTE-TRABALHADOR/A E O/A TRABALHADOR/A- ESTUDANTE?

Apesar dos termos “estudante-trabalhador/a” e “trabalhador/a-estudante” soarem semelhantes, seus significados são antagônicos. O estudante-trabalhador/a nada mais é do que aquele/a indivíduo/a que busca ter experiências na área em que estuda, entretanto, o trabalho não é sua “condição” de vida, é uma espécie de escolha, pois sua principal motivação é estudar, e essa condição de ser estudante não atinge diretamente na estabilidade financeira individual e ou familiar.

O/a trabalhador/a-estudante é aquele/a que o trabalho é sua prioridade, pois sem ele não há condições básicas para se sustentar e contribuir na manutenção familiar. Embora estes/as procurem nos estudos uma via de aperfeiçoamento e de crescimento pessoal e social, sua condição enquanto trabalhador/a está acima do seu status de estudante, considerando que, embora muitos sintam a necessidade de estudar, nem sempre a vida estudantil é compatível com a rotina trabalhista, fazendo com que muitos/as precisem abdicar de horas de descanso ou lazer com amigos/as e família, ou abandonar os estudos no meio do percurso, ou pior: se quer tentem adentrar em um curso de ensino superior. Foracchi (1977, p. 51) vai explicar que:

O trabalhador escolhe um curso que não se incompatibilize com o trabalho porque este sim exige e absorve a maior parte das energias. O trabalho faz com que o curso tenha importância acessória. No caso anterior, a necessidade de trabalhar colocava o curso em plano secundário, mas nesse caso o sucesso no trabalho realiza-se às expensas do curso. Isso não significa que ele seja abandonado, mas, simplesmente que é redefinido em termos do interesse mais amplo que o trabalho apresenta. A acomodação entre estudo e trabalho raramente redundava numa integração harmônica das duas atividades. Com frequência impõe-se uma cisão, com caráter de opção, pois as qualidades do estudo e do trabalho não têm uma medida comum de avaliação.

As dificuldades financeiras resultam na necessidade dos/das jovens adentrarem no mercado de trabalho cada vez mais cedo para conseguir suprir não apenas as suas próprias necessidades, mas para também contribuir com a renda familiar. A

grande questão é que o ofício do trabalho, em sua grande maioria, exige uma carga horária extensa de dedicação física e mental.

Vargas e Paula (2012, p. 265) apontam que: “por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização”, essa etapa da vida de tantos jovens é um verdadeiro dilema, onde se faz necessário equilibrar as duas esferas a fim de obter não apenas uma formação adequada para o mercado de trabalho, mas também de ter prestígio social. Arroyo (2017, p.43) vai apontar a necessidade de “reconhecer como ponto de referência os próprios jovens-adultos como membros de coletivos sociais, raciais, de gênero classe... Reconhecê-los sujeitos de direitos. O primeiro porque lutam: o direito do trabalho”.

Compreende-se que as questões sociais se iniciam desde antes esses estágios de formação, mas que ficam acentuadas na fase de transição do torna-se adulto. Em consonância ao parágrafo anterior, os fatores sociais são por si só um grande problema para adentrar em uma universidade pública, seja pelos fatores de desigualdades de oportunidades, ou pela dificuldade em manter-se na instituição de ensino. Diante disto, Ristoff (2011) discorre que:

Se a palavra de ordem da década passada foi expandir, a desta década precisa ser democratizar. E isto significa criar oportunidades para que os milhares de jovens de classe baixa, pobres, filhos da classe trabalhadora e estudantes das escolas públicas tenham acesso à educação superior. Não basta mais expandir o setor privado – as vagas continuarão ociosas; não basta aumentar as vagas no setor público – elas apenas facilitarão o acesso e a transferência dos mais aquinhoados. (RISTOFF, 2011, p. 162)

É importante pontuar que os/as estudantes que são trabalhadores/as acabam ficando para trás em relação aos demais, Arroyo (2017, p.45) indaga: “Que saberes sobre a condição de trabalhadores destacar? Se o trabalho é estruturante de seu viver-sobreviver, de sua identidade social, de classe, não deverá o trabalho ser estruturante do currículo, da proposta pedagógica?”, sendo um ponto muito importante tendo em vista que já lidam com os inúmeros desafios para conseguir dar conta do mínimo que lhes é atribuído dentro da sala de aula, sendo assim, torna-se quase impossível que esses/essas tenham as mesmas oportunidades que os/as demais estudantes de participar de cursos e programas de extensão que poderiam lhe proporcionar uma vivência acadêmica e uma formação diferenciada.

Outro ponto a ser considerado além da jornada dupla dos/das estudantes, é a existência da jornada tripla encarada pelas trabalhadoras-estudantes que são

mães. Se conseguir conciliar o trabalho remunerado com os estudos já é por si só um grande desafio, inserir o campo da maternidade nesta atmosfera o faz ser maior ainda. Assim como tantos outros indicadores, o de gênero é de fundamental importância tendo em vista que há questões que podem dificultar a sua permanência no ensino superior.

Um exemplo das questões tratadas no parágrafo anterior, coloco a seguir alguns dados locais que ajudam a ter uma noção mais ampla, assim, segundo o Perfil socioeconômico e cultural dos/as estudantes da UFAL (2020) as mulheres ocupam 56,1% das vagas ofertadas³. No campus A. C. Simões⁴, local onde a presente pesquisa foi desenvolvida, o percentual de matrícula do gênero do sexo feminino é 52,6%. A mesma pesquisa mostra que 68,5% dos estudantes solteiros são do sexo feminino. Os dados apresentados no parágrafo anterior contribuem para uma reflexão sobre as formas que essas estudantes que são mães e trabalhadoras precisam adotar para dar conseguir dar continuidade aos estudos, e se manter na universidade.

Diante disto, cabe apontar que no Campus A. C. Simões quase não há políticas afirmativas para auxiliar e garantir a permanência dessas estudantes. A instituição conta com o Núcleo de Desenvolvimento Infantil, que é um espaço educativo destinado para os filhos dos servidores e estudantes da UFAL, e atende uma parcela de crianças que residem nas proximidades. Apesar de sua existência, as vagas ofertadas são poucas e não conseguem atender a demanda existente. Algumas pautas já foram levantadas pelos estudantes do Centro de Educação da instituição para que a instituição implantasse uma nova creche, mas até o presente momento nenhuma nova medida acerca disto foi instaurada.

Inúmeras são as questões que permeiam as dificuldades enfrentadas para conseguir obter um diploma de ensino superior, maiores ainda são os desafios encarados pelos/as trabalhadores/as-estudantes por toda a sua trajetória e rotina acelerada. No tópico a seguir, pontua-se de maneira mais ampla os desafios encontrados por estes/as estudantes-trabalhadores/as e trabalhadores/as-estudantes.

3 Vagas ofertadas nos três campus da Universidade Federal de Alagoas.

4 Campus central, localizado no bairro Tabuleiro dos Martins, na cidade de Maceió, Alagoas.

2- TRANSIÇÃO DO ENSINO MÉDIO PARA A UNIVERSIDADE E PERÍODO DE AFILIAÇÃO (GRANDES DESAFIOS).

A transição do ensino médio para a universidade, é marcada por grandes mudanças na vida dos/das jovens, uma vez que para além das adaptações estudantis, há também a transição etária onde eles começam a se encaminhar para a vida adulta. Compreende-se que principalmente os jovens das camadas mais populares tem esse processo de inserção no ensino superior um pouco mais dificultado por conta das desigualdades sociais, educacionais e econômicas.

Embora avanços como a expansão de vagas nas universidades públicas e instituições privadas tenham sido alcançados através de programas como Reuni, Prouni⁵, Fies⁶, um longo caminho ainda precisa ser percorrido para que as chances de entrada e permanência dos/das estudantes, principalmente os oriundos de camadas populares, possam ser garantidas. Deve-se pensar em ações afirmativas que possam de fato atender a demanda existente e de maneira efetiva.

Abordar as dificuldades existentes desde antes da chegada do/da estudante ao ensino superior é importante, visto que são possíveis justificativas para o declínio da vida estudantil nos primeiros períodos da graduação. De acordo com a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos da IFES⁷ (2018)⁸, as dificuldades financeiras são a maior causa que faz com que os/as estudantes pensem em abandonar o curso, sendo a segunda causa atrelada a carga de trabalho acadêmico, e a terceira ligada as dificuldades em conciliar trabalho e estudo. A pesquisa mostra também que dentre as taxas de trancamento geral da matrícula, 22,1% são causadas por motivos de trabalho.

Passada as dificuldades encaradas no processo de transição, a chegada ao ensino superior é marcada por situações sociais complexas que estão presentes no período de afiliação, onde os/as estudantes precisam se adaptar as normas, horários, regras estabelecidas, passando a adotar novos hábitos para enfim se

5 PROUNI é a sigla de Programa Universidade para Todos, programa do Governo Federal que concede bolsas de estudos em instituições de ensino superior da rede privada.

6 FIES é a sigla de Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação do ensino superior de estudantes da rede privada.

7 IFES é a sigla utilizada para INSTITUTOS FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR.

8 Documento que apresenta os principais dados sobre os estudantes das Universidades Federais do Brasil.

fazer parte enquanto membro da instituição de ensino, Coulon (2017, p. 1246-1247) vai pontuar em seus estudos três fases que constituem o processo de afiliar-se, sendo estas: 1- O tempo de estranheza; 2º- Tempo de aprendizagem; 3º - Tempo de afiliação.

De acordo com Coulon (2017, p. 1249) o tempo de estranheza é quando os/as estudantes passam pela fase em que se deparam com uma nova esfera de ensino, onde há regras, horários e exigências que se divergem dos antigos padrões vivenciados no ensino médio. O tempo de aprendizagem o autor vai se referir como "vivido de forma dolorosa", onde os/as estudantes estão num meio termo entre desconhecer seu passado escolar e ainda não ter um futuro universitário/profissional.

O tempo de afiliação vai se constituir pela fase em que os/as estudantes já conseguem se adaptar as exigências que fazem parte do seu cotidiano estudantil, capaz de "reconhecer e assimilar as rotinas e as evidências do trabalho intelectual". Diante da descrição das fases de afiliação, Coulon (2017) vai conceituar que afiliação diz respeito ao:

processo pelo qual alguém adquire um estatuto social novo. Os estudantes que não conseguem se afiliar fracassam: o ingresso na universidade é em vão se não se faz acompanhar do processo de afiliação ao mundo intelectual em que entraram frequentemente, sem saber verdadeiramente que estavam entrando. (COULON, 2017, p. 1247)

Capta-se então que o processo de afiliação é uma etapa da vida acadêmica que pode ser considerada crucial, aqueles que não conseguem "afiliar-se" tendem a desistir da formação, pois não conseguem se adequar aos padrões que a universidade demanda. É necessário um olhar atento para esses/essas estudantes que estão vivenciando este processo, principalmente os/as estudantes que trabalham, para que possam ter um suporte através de políticas afirmativas ofertadas pela instituição em que estuda, a fim de garantir não apenas a sua permanência, mas oportunidades para vivenciar tudo aquilo que o ensino superior tem a oferecer.

3- ANÁLISES DE ARTIGOS

"Saúde mental e qualidade de vida do estudante trabalhador" das autoras Marcela Chavier Macedo e Karoline Giele Martins de Aguiar (2023)

O presente artigo, como o próprio título já sugere vai abarcar questões entorno da saúde mental dos/das estudantes que são trabalhadores/trabalhadoras de instituições de Ensino Superior no Brasil por meio de uma revisão de literatura. A priori compreende-se que aqueles/as estudantes oriundos/as das camadas populares existentes no país precisam recorrer ao trabalho para sustentar-se e ajudar a família a compor a renda básica.

Assim, essa dupla jornada requer mais tempo, dedicação e exclusividade destes/as que por sua vez acabam adoecendo devido as demandas que fazem parte do seu cotidiano. As autoras utilizam de aporte bibliográfico para discorrer sobre a porcentagem de prevalência de transtornos mentais (depressão, ansiedade e estresse) nos/as estudantes universitários/as.

Inicialmente as autoras fazem um breve recorte histórico sobre o acesso à educação brasileira, tendo em vista que por décadas esta era um privilégio do/das que detinham poder e dinheiro, mas que a partir da década de 70 a inserção e presenças das pessoas de diversas classes sociais começam a mudar esse cenário. As autoras trazem alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2018) para elucidar o efeito positivo de programas de acesso ao ensino superior brasileiro.

Cabe aqui destacar um desses: “de acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2004) o perfil socioeconômico dos universitários, de ensino superior, de instituições federais, do Brasil, é composto por 65% de estudantes vindos das classes econômicas baixas. (MACEDO e AGUIAR, 2023, p. 2)

Um outro fator que chama a atenção é que as autoras colocam que a população universitária é mais propensa a desenvolver doenças como depressão, ansiedade, estresse, e que principalmente aqueles/as estudantes que precisam trabalhar e estudar tendem a desenvolver essas doenças com maior propensão. Dito isto, o objetivo principal do artigo em questão é fazer uma investigação por meio de revisão de literatura para saber e compreender melhor a correlações entre a saúde mental e a dupla jornada de ser estudante e trabalhador/trabalhadora durante a graduação.

As análises de dados se deram através de pesquisas nas plataformas virtuais do Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde e Periódicos Eletrônicos em Psicologia, fazendo uso dos descritores: “universitário” “jornada de trabalho” e “saúde mental”, publicados entre os anos de 2016 e 2022. No geral, foram analisados nove artigos que foram submetidos a análise das autoras.

Os resultados encontrados pelas autoras foram que mais da metade dos estudos analisados vão abordar questões envolvendo a saúde mental, rendimento acadêmico e qualidade de vida. Por conseguinte, o âmbito da saúde mental também tem destaque, e apenas um artigo averiguou aspectos ligados as questões ideológicas. Diante disso, as autoras vão abordar em tópicos cada uma das questões citadas anteriormente.

Constataram também que “os estudantes universitários que precisam conciliar as atividades acadêmicas com a vida laboral estão mais propensos ao desenvolvimento de sofrimento e/ou patologias de ordem psíquicas” (MACEDO e AGUIAR, 2023, p.13). Um outro ponto interessante colocado por elas, é de que nem todos os/as estudantes trabalhadores/as são prejudicados por essa dinâmica de dupla jornada que precisam encarar, pois partem do pressuposto de que cada indivíduo tem sua forma de vivenciar e encarar a vida.

Por fim, as autoras propõem o desenvolvimento ou reformulação de formas metodológicas de ensino, tendo como objetivo contemplar os/as estudantes que são trabalhadores/as, visando a diminuição na sobrecarga psíquica e possibilitando uma formação acadêmica com mais qualidade. Sugerem também que haja maior divulgação dos programas de suporte psicológico existentes nas universidades.

“Avaliação da qualidade de vida do estudante trabalhador” de Jean Marque de Souza, Roseane Santarosa de Souza, Esther de Matos Irene Marques (2021)

No artigo em questão o autor e as autoras vão colocar inicialmente breves apontamentos sobre o conceito de qualidade de vida e os parâmetros que se relacionam a esta. Por conseguinte, fazem uma breve análise sobre o acesso ao ensino superior e as estratégias para ampliação de vagas para que todas as classes sociais possam usufruir de uma educação superior, entretanto, reconhecem que:

“a permanência no ensino superior muitas vezes estabelece relação de dependência com a situação financeira dos estudantes e, a partir daí, surge a necessidade de trabalhar, o que pode fazer com que haja sobrecarga de atividades, aumento de estresse, diminuição do tempo de descanso, dentro outros efeitos dessa relação de trabalho e estudo” (SOUZA; SOUZA; MARQUES, 2021, p.96)

O objetivo principal do artigo é estudar qualidade de vida dos/das estudantes que são trabalhadores/as, compreendendo que ao desenvolver as duas “funções”,

os/as estudantes que trabalham podem ter implicações diretas no que diz respeito a sua qualidade de vida. Inicialmente seria uma pesquisa exploratória, mas que em decorrência a pandemia do Covid-19 ficou impossibilitada a realização, sendo assim, o autor e as autoras fazem uma revisão sistemática de literatura acerca da qualidade de vida estudantil em comparação a rotina de um estudante que também é trabalhador. Ao todo, foram analisadas 31 pesquisas exploratórias.

Primeiro ponto debatido é o fator tempo, sendo esse um fator dominante e que interfere de maneira significativa nos índices de qualidade de vida estudantil, pois diversos estudantes precisam abdicar do seu tempo de descanso e lazer para conseguir dar conta da demanda que lhes é atribuída, como estudar para provas e seminários, escrever trabalhos e pôr a leitura das disciplinas em dia.

Essas questões atravessam diretamente a desregulação de sono, de alimentação, bem como também no próprio rendimento acadêmico. Todas essas questões elencadas são agentes causadores na saúde e qualidade de vida. “Mesmo com fins de semana livres de trabalho e estudo, é improvável que o aluno consiga satisfazer todas as atividades das quais necessita e tem vontade de realizar” (SOUZA; SOUZA; MARQUES, 2021).

O segundo tópico é voltado a saúde mental e emocional, sendo este o ponto que mais teve destaque na revisão sistemática realizada pelo autor e as autoras, “esse aspecto esteve representado por problemas como estresse, ansiedade, depressão, tensão emocional, fadiga, sobrecarga de atividades e necessidade de acompanhamento psicológico” (SOUZA; SOUZA; MARQUES, 2021, p.99). Este é um ponto muitíssimo importante, pois são doenças que precisam ser devidamente tratadas, pois, tende a acarretar o surgimento de tantas outras enfermidades como dependência de álcool e drogas, por exemplo, para amenizar todo o estresse ocasionado por essa dupla jornada.

Questões envolvendo o gênero feminino também é um ponto abordado no presente artigo, onde constatam que as mulheres fazem parte do maior índice da população universitária, por sua vez, apontam um dado alarmante “as mulheres, contudo, obtiveram menor performance de qualidade de vida quando comparada aos índices do sexo oposto em 11 casos em que foram realizadas essa comparação” (SOUZA; SOUZA; MARQUES, 2021, p.100). Essa discussão sobre gênero é preocupante, pois como já citado neste artigo, as condições que são “impostas” para as mulheres é de ser a figura que precisa cuidar do lar e da família.

Aquelas que ousam sair desse padrão de “mulher do lar” precisam adotar estratégias que auxiliem nessa configuração de jornada tripla. Colocando um recorte de uma sociedade que embora atual, ainda tenha fortes heranças de uma cultura machista e misógina, muitas dessas não podem contar com uma rede de apoio familiar ou de cônjuge, muitas delas sequer tem apoio ou incentivo para trabalhar e ou estudar. Diante dessas convergências, compreende-se o porquê dessas doenças psíquicas afetarem principalmente o gênero feminino.

Por fim, o último ponto discutido no texto diz respeito aos aspectos motivadores. Partindo da premissa de que “no geral, são motivados a partir de uma perspectiva de um futuro promissor, buscando, através dos estudos, condições melhores que as atuais”. (SOUZA; SOUZA; MARQUES, 2021, p.100), assim, pode-se dizer que grande parte dos/das estudantes tem como foco um futuro de melhores oportunidades financeiras, e são esses/essas aspectos que os fazem chegar a concluir um curso de ensino superior, mesmo esse sendo um percurso repleto de desafios, dificuldades e obstáculos

O autor e as autoras consideram que a pesquisa desenvolvida por ele/elas poderá ser usada como base nas discussões em prol de melhores condições educacionais e sociais. Constatam também que os estudantes que precisam trabalhar tendem a desenvolver “mais aspectos não promotores de qualidade de vida” (SOUZA; SOUZA; MARQUES, 2021, p.102), bem como assinalam a importância de se dar mais atenção as mulheres mães que são estudantes e trabalhadores, a fim de reduzir os índices de vulnerabilidade existentes no cotidiano destas.

“As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais” de Patricia Vieira Trópia e Davisson Charles Cangussu de Souza (2023)

O artigo em questão vai analisar os perfis de estudantes de universidades federais do Brasil, recorrendo aos seguintes “status”: estudante-ocupado/a, estudante-desocupado/a e estudante-não-trabalhador/a (TRÓPIA e SOUZA, 2023) no intuito de traçar perfis socioeconômicos que se divergem e se encontram e como cada perfil afeta de alguma forma a vida universitária.

De início, assim como os outros textos analisados, este também coloca um recorte histórico temporal sobre as políticas públicas que impulsionaram a expansão das universidades públicas, bem como o aumento no número de vagas nas

universidades que já estavam na ativa. Não se pode deixar de lado também a proporção de políticas que permitiram que milhares de brasileiros/as também tivessem a oportunidade de cursar uma graduação nas redes privadas de ensino. Entretanto, a autora e o autor apontam que “essas alterações não significaram que o ensino superior brasileiro tenha se aproximado do padrão dos capitalistas centrais” (Trópia e Souza, 2023, p. 2).

Para a pesquisa, agrupam os/as estudantes a partir dos seguintes grupos: Grupo 1-Estudantes que trabalham; Grupo 2- Estudantes que não trabalham, mas estão à procura de trabalho; Grupo 3- Estudantes que não trabalham e não estão em busca de trabalho. Assim, é possível os autores refletirem sobre o quanto a dimensão “trabalho” tende a pesar nas vivências universitária e tendem a interferir na permanência de muitos/as estudantes.

Em complemento ao parágrafo anterior, há o entendimento de que aquele/a estudante que não trabalha ou o/a “estudante-não-trabalhador/a” (Trópia e Souza, 2023) podem usufruir de melhores oportunidades universitárias, como por exemplo participar de congressos, iniciação científica, cursos de extensão que contribuem significativamente na formação. Por outro lado, cabe pontuar o meio termo em que se encontram os/as estudantes-desocupados/as que por sua vez apresentam preocupações geradas pela busca do trabalho para conseguir se manter, e essa preocupação acaba afetando diretamente na sua formação.

A autora e o autor discorrem em um tópico a parte o “Perfil socioeconômico e trajetória acadêmica dos estudantes das Ifes sob o prisma da ocupação” (Trópia e Souza, 2023 p.8) em que utilizam de algumas pesquisas nacionais para traçar o perfil estudantil, entretanto pontuam que “embora estudos dessa natureza possibilitem a análise da realidade de uma determinada área do conhecimento, não permitem compreendê-la em relação ao conjunto dos estudantes” (Trópia e Souza, 2023, p.8) pelo fato de algumas termologias serem excludentes, como por exemplo o requisito de “renda familiar per capita”, consideram que tal “fonte” não é a mais adequada para a análise da questão.

O outro ponto abordado no artigo é a trajetória acadêmica, onde novamente esse aspecto se assemelha com os outros artigos analisados nessa pesquisa. O ponto vai abordar a questão da diferenciação da vivência universitária e trazer dados estatísticos que ajudam a dar ainda mais veracidade ao que está sendo discutido, destaco a seguir. Alguns destes:

As respostas dadas pelos estudantes ocupados, desocupados e não-trabalhadores à pergunta sobre dificuldades acadêmicas também expressam claramente suas condições materiais de existência. Carga excessiva de trabalho constitui dificuldade acadêmica apontada por 34,0% dos ocupados, mas por apenas 3,1% dos não-trabalhadores e 3,8% dos desocupados. Já a carga excessiva de trabalhos estudantis, que varia segundo o turno e o curso frequentado, é a dificuldade acadêmica apontada por 29,5% dos não-trabalhadores, 22,5% dos desocupados e por 19,7% dos ocupados, indicando que, para estes últimos, são as premissas do trabalho, e em menor grau as exigências do estudo, seu maior problema. (TRÓPIA; SOUZA, 2023, p.17)

Os dados apresentados colaboram para as discussões, uma vez que é possível comparar os diversos perfis estudantis existentes e suas experiências enquanto estudantes de ensino superior. Vargas e Paula (2013) in Trópia e Souza (2023) destacam:

Apesar de a democratização ter ampliado o ingresso de setores das classes subalternas no ensino superior brasileiro, as políticas públicas de acesso e permanência não contemplam as especificidades do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante, ainda que a maioria dos universitários brasileiros trabalhe ou esteja à procura de trabalho. (2023, p. 20)

Por fim, a autora e o autor consideram que os estudos sobre os/as estudantes universitários contribuem para compreender as disparidades existentes. Apontam também a importância da modalidade do ensino noturno para que os/as estudantes-trabalhadores/as possam usufruir de uma educação superior, bem como conciliar esses dois campos (trabalho e estudos). Outro ponto é que apesar das políticas públicas voltadas para o ensino superior, os/as estudantes-trabalhadores/as se deparam com inúmeras dificuldades não apenas para adentrar, mas também para permanecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da presente pesquisa permitiu um melhor entendimento acerca da temática e do que está sendo produzida acerca das condições estudantis universitárias no Brasil. As análises confirmam o que já tinha sido posto no início deste trabalho, sobre o quanto as oportunidades são desiguais para todos, e, fazendo

uso do título de uns dos artigos analisados, “as portas permanecem semiabertas”, principalmente para os/as trabalhadores/as-estudantes.

Foi possível constatar que os autores se preocupam em investigar e compreender sobre como âmbito da saúde e de qualidade de vida desses/as trabalhadores/as-estudantes e estudantes-trabalhadores/as são afetados tanto pelo cotidiano acadêmico, quanto pela rotina trabalhista. A questão da saúde mental é uma pauta muito importante, mas que ainda é pouco discutida nas universidades públicas do Brasil, fazendo-se necessário o planejamento de melhores ações que possam de fato atender a demanda existente em horários flexíveis para que todos possam usufruir de apoio psíquico.

Nos artigos analisados, as estratégias de permanência adotadas se resumem a questão de abdicação de tempo de descanso e lazer para conseguir realizar os estudos necessários para obter notas dentro da média. Não foi citado em nenhum dos artigos programas que estejam direcionados de forma exclusiva para a permanência dos/das estudantes que são trabalhadores/as, o que leva a reflexão do quanto seria importante a criação de programas e estratégias voltadas para a permanência dos/das estudantes, principalmente nos cursos do turno noturno.

Faz-se necessário compreender que a permanência deve ser vista por duas nuances, sendo elas a material e a simbólica, ambas devem ser garantidas aos estudantes para que possam assim, desfrutar de uma formação de qualidade.

A permanência simbólica vai se referir as vivências do cotidiano estudantil, onde os/as estudantes começam a se integrar a comunidade acadêmica e passa a compreender as regras e códigos existentes dentro da universidade, e com isso, constrói sua identidade universitária, portanto, compreende-se que fatores como a exclusão, inadaptação e discriminação tendem a impedir a permanência simbólicas dos/das universitários/as (REIS, 2016, p. 89).

No que tange os sentidos da permanência material, trata-se então de condições e acessibilidade a materiais necessários para conseguir permanecer no curso. Essas condições vão desde a compra de materiais didáticos, de xerox, e acessórios tecnológicos que possibilitem seus estudos, até mesmo as questões de conseguir arcar com custos de transporte, alimentação, dentre outros. No que concerne as discussões voltadas aos estudantes-trabalhadores/as, Reis (2016) vai apontar que:

Na busca por condições de permanecer materialmente na universidade, alguns estudantes podem, também, abrir mão de vivenciar a universidade em sua plenitude para poder trabalhar e essa escolha tem impactos na

permanência simbólica, já que repercute de forma distinta sobre o desempenho e sobre a vida acadêmica. Aqueles envolvidos em atividades que lhe consomem grande parte do tempo e que não mantêm qualquer ligação com a área de estudos, enfrentam grande dificuldade em conciliar os estudos com o trabalho, pois o tempo para se dedicarem à leitura de textos e realização dos trabalhos acadêmicos é exíguo, o que contribui para alguns resultados insuficientes e atraso no curso (REIS, 2016, p. 86)

No que diz respeito aos impactos ocasionados pelo trabalho no âmbito estudantil, pode-se considerar as inúmeras horas dedicadas ao trabalho, fazendo com que o/a trabalhador/a-estudante chegue na universidade com pouca energia e baixos estímulos para realizar atividades e participar das aulas, afetando assim, no seu rendimento.

Nota-se que falta uma melhor compreensão/análise sobre os perfis do/da “estudante-trabalhador/a” e do/da “trabalhador/a-estudante”, visto que são dois casos diferentes. Foi possível analisar que o perfil mais estudado é o da condição do/da trabalhador/a que é estudante universitário.

Por fim, diante dos resultados obtidos, faz-se necessário mais estudos sobre a temática estudantil universitária, e faz-se necessário também uma maior divulgação dos estudos já realizados acerca do tema, pois eles são fundamentais para compreender aspectos determinantes sobre o ensino superior público do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, M. (2009). Reinventando a EJA. Projeto de Educação de Trabalhadores-PET. In Nunes, A.M.M., & Cunha, C.M. (Orgs.). **Projeto de Educação de Trabalhadores**: pontos, vírgulas e reticências: Um olhar de alguns elementos da EJA através do ensimesmo do PET (pp.15-38). Belo Horizonte: PET.

COULON, Alain. **O ofício de estudante: a entrada na vida universitária**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017.

COSTA, S. D. M.; Marques, E. M. I.; CHAVES, A. C. F.; Entre sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes. RGO. Revista Gestão Organizacional (Online), v. 13, p. 64-85, 2020.

FONAPRACE – FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das Ifes (Institutos Federais de Ensino Superior)**. Brasília: Fonaprace, 318p, 2018.

FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: InterSaberes, 2014.

LÜDKE, M. e ANDRÉ. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária. 2009

REIS, D. B. O significado de Permanência: Explorando possibilidades a partir de Kant. In: Gerson Tavares do Carmo (Org.). **Sentidos da Permanência em Educação**: o anúncio de uma construção coletiva. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016, v. 1, p. 73-82.

RISTOFF, Dilvo. **A expansão da educação superior brasileira**: tendências e desafios. In: FERNÁNDEZ LAMARRA, Norberto; PAULA, Maria de Fátima Costa de (Orgs.). La democratización de la educación superior en América Latina. Límites y posibilidades. Saenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011. p. 151-166.

SOUZA, J. M de; SOUZA, R. S. de. . **Avaliação da qualidade de vida do estudante trabalhador”** . Revista Mal-Estar e Sociedade, v. 11, n. 01, p. 95-105, 2021

TRÓPIA, P. V.; SOUZA, D. C. . **As portas permanecem semiabertas:estudantes trabalhadores nas universidades federais**. Pro´Posicoes (UNICAMP. Impresso), 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Pro-Reitoria Estudantil. **Perfil socioeconômico e cultural dos(as) estudantes da UFAL.** Maceió: EDUFAL, 2020. E-book (179 p.). (Coleção UFAL e políticas públicas de gestão em educação superior). ISBN 978-65-5624-001-5.

VARGAS, H. M; PAULA, M.F.C. **A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior:** desafio público a ser enfrentado. Avaliação (UNICAMP)., v. 18, p. 459-485, 2013.